

**TINHA UM POEMA NA PROVA DE INGLÊS DO
VESTIBULAR DA UNICAMP***

JOSALBA RAMALHO VIEIRA
VIVIANE VERAS

A prova de inglês do Vestibular Unicamp 93 apresentou um poema de Emily Dickinson como um dos textos para leitura. Os professores de cursinhos, como sempre, publicaram suas críticas à prova. Uma delas nos chamou atenção em especial, porque se referia ao poema como sendo, além de muito fácil, “super batido no 2º grau”. A partir da leitura deste comentário, solicitamos à Coordenação Acadêmica da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (COMVEST) acesso aos dados referentes à questão. A expectativa da Banca Examinadora em relação ao poema era de 70% de acertos. Um texto “super batido”, uma expectativa bastante otimista... Como será que os candidatos responderam a isso?

QUESTÃO 25. Esse pequeno poema de Emily Dickinson (1830-1886) apresenta duas maneiras de se encarar as palavras. Explícite-as, indicando qual é a da autora.

A word is dead
when it is said,
Some say.
I say it just
Begins to live
That day.

O resultado percentual geral relativo à questão 25 foi:

notas cinco (nota máxima)	34.5%
notas um a quatro	22.5%
notas zero	25%
respostas em branco	18%

* Trabalho apresentado no XLI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

A questão 25 apresentou o mais alto índice de respostas em branco e um dos mais altos de notas zero em toda a prova de inglês. Esse fato surpreende mais do que o baixo percentual de notas cinco.

Tiveram nota cinco respostas como, por exemplo:

- a) “Para alguns, as palavras morrem quando são pronunciadas. Para a autora, em outra visão, o falar é que dá vida às palavras”;
- b) “O poema de Emily Dickinson apresenta duas maneiras de se encarar as palavras: elas perdem o seu significado (“morrem”) quando são ditas ou começam a significar algo (começam a “viver”) a partir do dia em que são usadas. Emily Dickinson acredita na segunda maneira”;
- c) “Uma das maneiras é a de que a palavra **está ou é** morta quando ela é dita”.

Nas respostas acima, os candidatos explicitaram 1) as duas maneiras de se encarar a palavra, 2) indicaram a posição da autora, e 3) relacionaram a enunciação, o dizer, com a morte ou vida das palavras. É bastante apropriado observar nessa fragmentação da leitura, a necessidade inevitável de tornar a resposta aferível (afinal, são mais de nove mil respostas). Não discutiremos aqui os critérios de avaliação usados pela Banca Corretora, nem os tipos de respostas a que foram atribuídas notas. Interessam-nos principalmente os espaços deixados em branco – que fizeram a diferença nessa questão.

Segundo Geraldi (1993:170), é muito freqüente que o aluno em geral, antes de ler um texto, leia primeiro as perguntas que se referem a ele, “... para encontrar alguma razão para o esforço que farão... em busca das respostas que satisfaçam não a si, mas à aferição de leitura que livro didático e professor podem vir a fazer”. Neste caso específico do Vestibular, a situação torna-se mais crítica, porque do seu esforço depende o espaço na Universidade (esse sim, não pode ser deixado em branco). Convém perguntar aqui que visão de interpretação fundamenta esse prática.

Numa visão mais tradicional e corrente de interpretação, todo texto que algum leitor se proponha a esclarecer cai sob uma nuvem. “O texto é opaco”, esta é a premissa tácita da interpretação. As palavras se reprimem e o leitor será aquele que as libertará. Ele recupera do texto duas realidades: uma realidade externa, aquilo a que o texto se refere, a realidade imitada, reduzindo o texto ao status de causa material do que se presume deva ser imitado na realidade; ou recupera do texto uma realidade interna, a intenção do autor, um querer dizer, e o texto torna-se uma metáfora do pensamento por trás das palavras, que esperam apenas a leitura, a interpretação que as trará à luz.

As propostas de ensino de leitura nas escolas, diz Maria José Coracini (ms:s/d), parecem privilegiar “o texto como ponto de partida para a compreensão”. Ou seja, trata-se o texto como “um objeto - um todo que tem um fim em si mesmo”. Isto difere da forma como o texto é usado nas outras disciplinas curriculares; aí o texto é instrumento. Coracini acredita que essa “super-valorização do texto leva ao não-questionamento do mesmo, à aceitação do que se acredita ser o conteúdo de uma verdade irrefutável”. Esse tipo de proposta de ensino de leitura inviabiliza a leiturização em que cada aluno procura no texto respostas para as questões que lhe dizem respeito. A leiturização privilegia a questão do aluno, o seu querer saber. “E é este querer saber

mais que”, segundo Geraldí, “impulsiona a busca de respostas dadas por outros em textos que vamos buscar, que vamos ler” (1993:175).

É provável que a maioria dos candidatos ao Vestibular não sejam leiturizados, mas de posse das teorias mais tradicionais de leitura, eles deveriam estar aptos, na pior das hipóteses, a preencher o espaço em branco destinado a suas respostas. A pergunta da prova parece não deixar margem a dúvidas: há duas maneiras de se encarar as palavras e uma delas é a da autora do poema. No entanto, o texto (o poema) parece continuar opaco, ele resiste, alguma coisa ali faz ‘barreira’. Poderia ser uma questão de simples desconhecimento de língua inglesa? Não parece ser esse o caso; a facilidade da questão a que se referiam os professores de cursinhos devia-se exatamente a uma, digamos, simplicidade de vocabulário. Um dos jornais baseia sua crítica neste fato e diz que o grau do Vestibular vai do impossível ao banal, acusando a presença do poema como fator para este desequilíbrio, pois era um poema “super batido”. Não, a barreira não era o vocabulário, pois foram muitos os casos de alunos que preencheram todos os outros espaços de respostas demonstrando possuir um bom domínio da língua, mas que deixaram exatamente essa questão em branco. Foram esses os casos que chamaram nossa atenção. Onde, afinal, estava o problema?

Considerando que as práticas vigentes de um modo geral privilegiam o texto como um todo em si, que conteúdo, que intenção foi essa que não se encontrou? Se leitura aqui pressupõe alguém dizendo algo a alguém, onde se rompe o circuito da comunicação? Por que estratégias conhecidas, como a predicação, não puderam ser usadas neste caso? O texto poético faz uma diferença, que parece ter se disseminado para além do espaço em branco. Talvez, se no ensino da leitura fosse “vivenciada a obra literária enquanto experiência transformadora e não simplesmente como a assimilação de mecanismos codificados de escuta e apreciação”, esse espaço em branco fosse preenchido.

Esse branco desafia, mas voltemos ainda um pouco às respostas que puderam ser aferidas para ver de que outras maneiras o texto poético foi ignorado. Selecionamos as questões 25 de provas que no geral obtiveram boa classificação. Foram comuns respostas do tipo:

- a) “As palavras estão mortas, então você deve falar pouco na vida, a autora é muito pessimista”;
- b) “A palavra é coisa viva, é só começar os dias de bom humor e tentar sempre ser feliz nessa vida”.

Parece que nesses casos, por se tratar de um poema, o leitor tenta devanear preenchendo o espaço em branco da maneira que lhe parece “poética”.

Havia também recados como os seguintes:

- a) “As duas maneiras de encarar as palavras é ouvindo as palavras ou não ouvindo-as, mas o que a autora quer mesmo é confundir a cabeça das pessoas”;
- b) “O poema tem uma forma/para se dar trabalho, / para se ler inclusive, / para eu traduzir infelizmente”.

Houve uma resposta que ocorreu apenas 28 vezes (em mais de nove mil provas), mas que nem por isso torna o fato menos curioso. A resposta foi:

“O poema pode ser lido de baixo para cima”.

Essa resposta se refere a uma questão do Vestibular do ano anterior. Aqui o “retorno de um acontecimento discursivo não se dá sem as marcas de sua presença em discursos anteriores” (Geraldi, 1993:11). Ele volta como modelo, volta como resposta ao poema do ano anterior.

Como será que esses candidatos foram ensinados a ignorar a poesia? Mesmo entre a maior parte das respostas que obtiveram a nota máxima, não houve espaço para questões de metalinguagem ou de metáfora. Essa ausência não invalida as respostas, pois elas foram de encontro ao que a ordem estabelecida desejava; foram respostas “politicamente corretas”.

Há um espaço em branco na questão 25. Para preenchê-lo o aluno teria que se colocar no lugar da incerteza da poesia, mas a ordem estabelecida não deixa espaço para o incerto, para o indecível. Este espaço em branco entre o literal e o metafórico pode significar um espaço em branco dentro da própria possibilidade de significação.

BIBLIOGRAFIA

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**, São Paulo: Martins Fontes, 1991.